

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COM FOCO NO ALUNO E AS CONTRIBUIÇÕES DOS DOCENTES PARA A AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM: O CASO DO DESIGN INSTRUCIONAL

Andréia Gomury – agomury@gmail.com - UFF/UERJ

RESUMO. *O estudo tem por objetivo tratar sobre o desenvolvimento de curso de Educação a Distância (EaD) com foco no aluno e descrever as contribuições dos docentes, principalmente do design instrucional, para o desenvolvimento da autonomia dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Utilizamos o conceito de (poli)docência. Neste conceito, a categoria docente ultrapassa o fazer pedagógico para além do professoral e se dá em um ambiente hierarquizado, onde há um único objetivo: a autonomia do aluno e seu aprendizado. O estudo torna-se relevante como fonte de pesquisas futuras e para o aprimoramento e elaboração de novas práticas metodológicas com foco mais direcionado ao aluno, principalmente a partir da criatividade dos docentes na utilização das ferramentas didático-pedagógicas oferecidas.*

Palavras-chave: *Design Instrucional. Aluno. Autonomia. Criatividade*

ABSTRACT. *The purpose of this study is to deal with the development of Distance Education (DE) course with a focus on the student and describe the contributions of teachers, especially instructional design, to the development of student autonomy in the teaching-learning process. We use the concept of (poly)teaching. In this concept, the teaching category goes beyond pedagogical beyond the professorial one and takes place in a hierarchical environment, where there is only one objective: the autonomy of the student and his learning. The study becomes relevant as a source of future research and for the improvement and elaboration of new methodological practices with a focus more directed to the student, mainly based on the creativity of the teachers in the use of didactic-pedagogical tools offered.*

Keywords: *Instructional Design. Student. Autonomy. Creativity.*

Submetido em 07 de agosto de 2018.

Aceito para publicação em 01 de outubro de 2018.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1. INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é tratar sobre o desenvolvimento de curso de Educação a Distância (EaD) com foco no aluno. Nesta discussão, entre outras peculiaridades, consideram-se as contribuições dos docentes e as ferramentas didático-pedagógicas disponíveis para o desenvolvimento da autonomia dos alunos frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Pensar o curso com foco no aluno é entender o aluno como agente central do processo de ensino-aprendizagem. Assim como o docente, o aluno, por sua vez, necessita apresentar algumas competências essenciais para o alcance efetivo da aprendizagem em EaD. A competência “autonomia” é uma delas e será a priorizada.

Ribeiro e Carvalho (2012) já apresentaram uma reflexão sobre a construção da autonomia no processo de aprendizagem em EaD e concluíram que a consolidação do curso como uma modalidade forte se torna possível se todos os seus atores se envolverem e se comprometerem no processo de formação.

Nos últimos anos, houve mudanças profundas no mundo do trabalho e, conseqüentemente, no mundo da escola. Kuenzer (2008) confirma uma nova concepção de Educação profissional, transitando da hegemonia do paradigma taylorista/fordista para um novo regime de trabalho fundado na flexibilização, demandando, assim, uma nova concepção de formação de professores na área da EaD.

Na concepção taylorista/fordista bastava a prática. Atualmente, com as novas exigências de mercado, não se pode separar o trabalho pedagógico escolar do desenvolvimento das competências cognitivas complexas, por isso, a importância do raciocínio lógico formal, das capacidades comunicativas, da criatividade e, conseqüentemente, da inovação.

São exigidas novas demandas relativas à formação de professores para EaD, evidenciando os saberes docentes para a atualidade; um novo papel do professor/tutor, uma nova prática da docência, sempre tendo como ênfase as transformações ocorridas no mundo do trabalho. As instituições formadoras se encontram no meio de um grande dilema: formar para as competências e habilidades ou formar para os diferentes saberes necessários para a prática pedagógica? Neste cenário é que estão inseridos os professores que atuam na Educação a Distância.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância entender que o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um espaço de convivências e relações heterogêneas de ideias, crenças e valores. Sendo assim, é necessário criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite ao aluno enxergar-se no processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno da modalidade EaD a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar. É importante pensarmos o professor como alguém que, além de lhes transmitir conhecimentos e se preocupar com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Como docentes, entendemos, neste estudo, todos os atores que contribuem para a discência no processo de ensino-aprendizagem, no caso o design instrucional, de acordo com a abordagem dada por Mill et al (2010), em seu conceito de (poli)docência.

Para realização deste estudo, fizemos uma pesquisa bibliográfica, na qual é possível a exploração de diversos trabalhos já publicados em livros e artigos científicos (GIL, 2002). Ou seja, o pesquisador é colocado em contato com o que já foi produzido e registrado a respeito do tema pesquisado.

2. A EaD E OS CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURSO COM FOCO NO ALUNO

No Brasil, a Educação a Distância (EaD) passou a ganhar maior visibilidade a partir da promulgação da LDB nº 9394/96, que apresentou em seu artigo 80 que o poder público incentivaria o desenvolvimento e a veiculação de programas de educação continuada e de ensino a distância em todos os níveis e modalidades.

No entanto, somente em 2006, com a regulamentação da EaD por via do Decreto 5622, é que a EaD se expandiu de fato. Por via desse instrumento, a EaD passou a ser caracterizada como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, devido à distância geográfica existente entre educando e educador.

A partir de então, ficou perceptível que as tecnologias da informação aplicadas à EaD proporcionaram maior democratização do ensino, seja pela flexibilidade, seja pela acessibilidade à educação. Assim, por meio dessa inovação e do avanço dos métodos de aprendizagem, a EaD se configurou como caminho de superação de métodos tradicionais de educação (SARAIVA, 1996).

Deve-se considerar, porém, que, para garantia de um bom curso pela EaD, é necessário ir além da utilização dos recursos disponibilizados pela Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). A EaD só se realiza quando há a garantia de uma verdadeira comunicação bilateral nitidamente educativa, ou seja, quando há atendimento pedagógico efetivo e que promova a essencial relação professor-aluno por meios e estratégias institucionalmente planejados (SARAIVA, 1996).

Isso posto, na EaD é fundamental um movimento que conduza o aluno à construção do seu conhecimento, pois trata-se de uma modalidade que requer um posicionamento autônomo do aluno no processo de ensino e aprendizagem. O aluno da EaD, assim como o corpo docente, precisa apresentar uma postura que possibilite a reflexão, a participação e a colaboração para o devido desenrolar das atividades.

Neste estudo, entendemos como corpo docente todos os atores que contribuem para a autonomia e criticidade do aluno. Sendo assim, utilizaremos, neste trabalho, o conceito de (poli)docência, criado por Mill et al (2010). Para os autores, a categoria profissional docente extrapola o fazer pedagógico para além da categoria professoral. Docente é todo aquele que contribui para a discência no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma relação cooperativa que pode gerar conflitos

de interesses e embates, mesmo assim, estes se tornam necessários para a construção e condução da aprendizagem e autonomia do aluno.

Mill et al (2010), a partir do conceito criado, denominam a equipe de multidisciplinar. Trata-se da docência fragmentada, na qual cada parte é responsável por um trabalho distinto. Apesar de todos serem entendidos como docentes, a (poli)docência se dá em um ambiente hierarquizado, onde há o docente conteudista, o docente tutor, o docente projetista educacional, entre outros.

Portanto, é por este olhar que pensaremos o desenvolvimento de curso na EaD com foco no aluno. Para tanto, faz-se necessário que alunos e, principalmente, docentes possuam perfil diferenciado que possa garantir o desenvolvimento e o aprendizado efetivo dentro desta modalidade tão crescente e necessária para a democratização do ensino no Brasil.

3. O DESIGN INSTRUCIONAL E A CRIATIVIDADE

Por a EaD perceber o aprendizado do aluno de forma diferenciada, assim como a atuação de todos os atores envolvidos nessa modalidade de ensino ou, conforme definição de Mill et al (2010), os docentes, abordaremos a importância do design instrucional e da criatividade para a motivação e desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Robinson (2006), em conferência à TED, discorre sobre o motivo pelo qual deixamos de ser criativos ao crescer. O motivo seria que as crianças arriscam, improvisam, não têm medo de errar. Não que errar seja sinal de criatividade, mas não se pode inovar se não está disposto a errar. Os adultos penalizam o erro, o estigmatizam na escola e na educação; e é dessa forma que as crianças se afastam de sua capacidade criadora, se transformando em adultos tolhidos de criatividade.

Por conta desta castração que as escolas impõem às crianças, Robinson (2006) adverte-nos a repensarmos nossa noção de inteligência. Ele elenca três coisas sobre a inteligência. A primeira é a diversidade. Nós pensamos no mundo a partir das formas como o experimentamos. Pensamos visualmente, pensamos no som, pensamos cineticamente. Pensamos em termos abstratos, pensamos em movimento. A segunda é que a inteligência é dinâmica. Se você olhar para as interações de um cérebro humano, verá que a inteligência é maravilhosamente interativa. O cérebro não é dividido em compartimentos. O processo de ter ideias originais, que possuam valor, com bastante frequência manifesta-se por meio das interações de diferentes formas disciplinares de se ver as coisas. Como prova do que Robinson (2006) explica sobre a dinamicidade da inteligência estar associada às interações que o cérebro pode fazer, Dell'Orco & Maldonato (2010) apontam a analogia como um aspecto crucial da inovação, pois ela está ligada às características de nosso cérebro e, portanto, pode ser estudada em relação às diferentes e opostas funções dos dois hemisférios.

No caso do hemisfério direito, os autores esclarecem que ele

[...] caracteriza-se por suas capacidades de apreender a realidade em seu conjunto, por sua especificidade ao tratar informações de cunho visual-

espacial, por seu envolvimento em atividades musicais, na emoção e, por fim, no pensamento analógico: uma forma de pensamento não compassado pela lógica sequencial da linguagem, mas fundamentada em generalizações e analogias graças às quais podemos adequar conhecimento e esquemas mentais conhecidos a alguma coisa desconhecida (DELL'ORCO; MALDONATO, 2010, p. 6).

E a terceira e última característica que Robinson (2006) assinala é a de a inteligência ser distinta, ou seja, os humanos têm consciência de seus atos, possuem liberdade de expressão e se comunicam por uma linguagem inteligente.

Por isso, segundo o sociólogo, devemos adotar uma nova concepção de ecologia humana, na qual comecemos a reconstituir nossa concepção das riquezas da capacidade humana. O sistema educacional tem pilhado nossas mentes da mesma forma que pilhamos a terra em busca de certas matérias-primas e no futuro, isto de nada nos servirá. Temos de repensar os princípios fundamentais nos quais baseamos a educação de nossas crianças. Devemos celebrar o dom da imaginação humana. Temos de ter muito mais cuidado para usar esse dom com sabedoria e assim nos desviarmos das situações de castração. E a única forma de fazermos isso é encararmos nossas capacidades criativas como a riqueza que representam e vemos nossas crianças como a esperança que também representam. Nossa tarefa é educá-las em todo o seu ser, para que elas possam enfrentar o futuro e ver algo de bom nele.

Sendo a escola castradora de nossa criatividade desde a infância, como, em cursos de graduação à distância, manter viva a motivação do aluno para que ele desenvolva sua autonomia? Como o design instrucional, junto à equipe multidisciplinar, pode contribuir para a autonomia e motivação do aluno por meio da criatividade?

Oferecer um bom design é abrir caminhos para que a essência atinja nossos sentidos. O design tem perpassado toda a nossa vida, principalmente hoje, que temos acesso às interfaces interativas dos computadores, coloridas, sonoras, móveis e customizáveis. É a arte de escolher formas e conteúdos com o objetivo de encantar alguém que deseja aprender algo e que agora tem à sua disposição diferentes mídias, além de estar acostumado a elas.

Para Costa e Marins (2010), o design instrucional é

[...] a atividade daqueles que estão ocupados em trabalhar os conteúdos, com as ferramentas de informação e comunicação disponíveis na atualidade, em especial ferramentas da Internet, objetivando a apresentação desses conteúdos educacionais em formato eficaz para o processo de ensino-aprendizagem (COSTA; MARINS, 2010, p. 4).

Portanto, se as escolas castram a criatividade dos adultos, repensar as noções de inteligência e adotar uma nova concepção de ecologia humana, conforme abordado por Robinson (2006), é importante para as demandas de educação da sociedade contemporânea, principalmente para a EaD, que concebe a educação com o foco no aluno e em sua autonomia.

Sendo assim, a experiência do homem contemporâneo não pode ser compreendida sem considerar as suas relações com a informação e a imagem. Por isto, o projeto instrucional de um curso ou disciplina não pode ser pensado sem se ter em conta a fusão da forma e do conteúdo. Pensar a forma é condensar o conteúdo e ativar a motivação do aluno, ou seja, a criatividade com que o design é pensado na apresentação de um conteúdo interfere na maneira como o aluno experimenta o ensino e a aprendizagem.

3.1 A criatividade do design didático no processo de autonomia de ensino-aprendizagem do aluno

Freire (2005), em *Pedagogia da Autonomia*, fala-nos que a curiosidade que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo faz parte da prática educativo-progressista e que ela desenvolve no aluno a curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. Para ele, somos porque estamos sendo. E estar sendo é a condição para sermos. Ou seja, educar é formar. É ter a consciência do inacabamento do ser humano.

Por isso, para Freire (2005), o bom clima pedagógico-democrático é aquele em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática, em que sua curiosidade, assim como sua liberdade, está sujeita a limites, porém em permanente exercício.

Para que o aluno possa aprender praticando, o saber docente deve estar engajado eticamente também em sua própria prática. Este saber deve ser indispensável ao educador: a impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos.

Para essa prática da liberdade aos educandos, o educador nos esclarece que

Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos (FREIRE, 2005, p. 95).

A partir do pensamento de Paulo Freire sobre a autonomia e liberdade da prática do educando, percebe-se cada vez mais a importância de alunos enquanto sujeitos do processo de ensino-aprendizagem e não como objetos do mesmo.

Em EaD, a autonomia é a competência que deve, preponderantemente, ser desenvolvida pelo aluno para que haja maior interação dos saberes no processo de ensino-aprendizagem.

Santos (2013), em vídeo sobre a construção da autonomia do estudante da Educação a Distância, esclarece-nos sobre novas práticas para uma educação mais contemporânea, cidadã, dinâmica e libertadora, que leve a uma prática discente mais coletiva e participativa na sociedade da informação. Ela nos informa que, em EaD, há dois modelos de educação: os de parâmetros industriais, com produção de massa; e os de parâmetros mais humanistas, no qual se busca a educação a partir da formação da totalidade do indivíduo e que promova autonomia do sujeito.

Por autonomia em EaD, ela classifica o aluno que se organiza e se orienta nos estudos. Aquele que consegue, sozinho, dar conta das situações complexas de aprendizagem. Para falar dessa competência e das habilidades que a EaD requer, Santos (2013) cita a autora Maria Luiza Belloni que, em seus estudos, aponta para a idealização deste aluno autônomo em Educação a Distância. Para ela, o que se vê são alunos em situações passivas, orientados por pacotes instrucionais de ensino.

Por conta desta visão negativa da EaD, pela qual se criou o mito de que o aluno aprende sozinho, Santos (2013) defende a importância da interação entre professores e alunos, pois não se constrói um ambiente interativo e comunicacional se não há diálogo e mediação entre tutores e alunos e entre alunos e alunos. Dentro de uma plataforma, na qual se tem um ensino voltado aos parâmetros mais humanistas, há trocas de experiências e saberes entre todos os atores envolvidos.

Por isto, Santos (2013) adverte-nos para a importância de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) que favoreçam estes espaços de interações e trocas, de formação inicial e continuada e de construção de conhecimento, pois supera este suposto isolamento do aluno, favorecendo, por conseguinte, o desenvolvimento de sua autonomia.

Para o desenvolvimento da autonomia do aluno, devemos pensar em inovação nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, principalmente quando idealizamos o projeto instrucional de um curso ou disciplina. Dell’Orco & Maldonato (2010) apontam para a possibilidade de implementar a inovação em organizações. Para as autoras, a divergência é um valor que deve ser reconhecido e utilizado por meio da inclusão dos “rebeldes” para dar nova energia aos sistemas.

Por “rebeldes”, as autoras citadas acima falam dos designers instrucionais. Não no sentido daqueles que não sabem trabalhar em equipe, de forma egoísta e arrogante, mas, sim, os que têm ideias novas, os que não têm medo de arriscar e apresentar suas inovações de forma destemida, criativa. Para Dell’Orco & Maldonato (2010, p.7), “os inovadores são indivíduos que têm a capacidade de encontrar ideias que na hora são pouco estimadas, pouco representadas para reavaliá-las fortemente”.

O design é, portanto, o aspecto abstrato de conceber e projetar; é o aspecto concreto de configurar e formar. Assim, o design concebe a produção de um produto em todas as suas dimensões. Podemos, portanto, afirmar que o design é uma atividade que mobiliza a criatividade.

Sendo assim,

designers parecem partilhar um conjunto de atitudes que são úteis na produção de soluções inovadoras e excitantes, uma vez que eles têm uma insatisfação natural com as formas existentes de fazer as coisas; eles se esforçam para anularem as suas concepções pré-existentes e veem as situações como novas; eles veem o valor do desafio e da provocação como o motor da mudança (STUART, 2003 apud COSTA; MARTINS, 2010, p. 5).

Muitos cursos ainda utilizam o modelo fordista na elaboração de seu curso, ou seja, jogam para o aluno os pacotes instrucionais de ensino criticados mais acima pela

professora Maria Luiza Belloni. Isso faz com que não se ative o senso crítico do cursista e, por conseguinte, sua autonomia, transformando-o em mero reproduzidor de esquemas pré-estabelecidos e fixados, repetidor automático de ações programadas.

Como forma de apresentar a criatividade como um dos meios para se conquistar junto com o aluno a sua autonomia, faz-se necessário no design instrucional um visual gráfico que aguça a dinamicidade da inteligência por meio das diversas interações que o cérebro humano possa fazer aliado a uma estrutura discursiva que se diferencie do impresso eletrônico.

Sobre isso, esclarece-nos Farbiarz & Farbiarz (2012) que

Há a necessidade de coordenar as ações, por vezes independentes, pelo viés da interface gráfica, articulando às competências verbo-visuais dos agentes produtivos às dos alunos. Para isso, cabe ao designer correlacionar a oferta e a demanda dos conteúdos, e localizá-las, com os recursos de que dispõe, no suporte eletrônico (FARBIARZ; FARBIARZ, 2012, p. 1).

Portanto, diversas estratégias devem ser formuladas, inclusive as baseadas na tecnologia do suporte, de forma a promover a interação entre os atores do curso. Os elementos gráficos representam os elos mais fortes da ponte que potencializam a recepção e o desenvolvimento das habilidades e competências esperadas dos alunos.

Ou, conforme Farbiarz e Farbiarz (2012),

O aluno acompanha o projeto didático de um curso EaD online não somente pelo verbal, mas também pelos elementos gráficos que compõem o sistema de navegação e ambientação. O aluno pode ser instigado e estimulado a buscar conteúdos, a explorar as atividades e tarefas não só por seu interesse e objetivos acadêmicos, mas pelo envolvimento em um ambiente hipermidiático interativo (FARBIARZ; FARBIARZ, 2012, p. 4).

Esta forma mais prática e dinâmica de pensar o ensino-aprendizagem do aluno a partir do design instrucional que o curso pode oferecer não é nova. A Bauhaus já pensava na importância das propostas pedagógicas do ensino do design no século XX.

Essa escola tinha como pressuposto a prática da pedagogia da ação. Essa pedagogia deu um novo sentido ao comportamento ativo do educando, ao considerar que o processo educativo concentrava-se numa ação específica, numa atividade que não exigia do educando algo de fora, mas, sim, de uma ação espontânea que vem de dentro para fora.

Por isso, na formação de seus designers, a Bauhaus pensava muito na prática. Não que isso eliminasse a reflexão e a figura do professor-mediador ou, como eles chamavam, o professor criativo (GROPIUS, 1972).

Para a escola, era do processo teoria/prática que resultavam os novos conhecimentos. Era na sua relação com a tecnologia que a reflexão de teoria/prática se apresentava de forma bastante clara.

Enquanto a tecnologia pode ser entendida como “a maneira de se fazer as coisas”, o design é nessa relação “a maneira de se pensar estas coisas”. Em outras

palavras, o conteúdo deveria vir diluído na forma. Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Ou seja, forma é conteúdo condensado.

Para Walter Gropius, fundador da Bauhaus, a escola e a sua proposta pedagógica eram o resultado de um processo colaborativo.

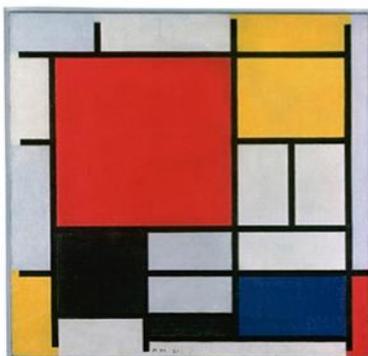
Segundo ele,

As formas que os produtos Bauhaus assumiram não são pois resultado de uma moda, mas, sim, de uma combinação artística e de inúmeros processos de pensamento e trabalho no domínio técnico, econômico e da criação formal. O indivíduo sozinho não pode alcançar essa meta; só na cooperação de muitos é possível achar aquela solução que transcende o individual e permanece válida por anos a fio (GROPIUS, 1972, p. 43).

A Bauhaus já pensava na importância das propostas pedagógicas do ensino do design no século XX. Pensava a funcionalidade dos objetos produzidos na Escola. A forma que acompanha o conceito, o conteúdo. "A forma segue a função", isto é, a forma é resultado da funcionalidade do objeto ou do espaço, não do capricho pessoal ou da tradição histórica. Mondrian e o movimento vanguardista *De Stijl* influenciaram a Bauhaus e os novos caminhos que Gropius deu ao estilo da Escola.



Piet Mondrian
Composição com Oval em cores planas II
(1914)
Gemeentemuseum, Den Haag



Piet Mondrian
Composição com grande plano vermelho,
amarelo, preto, cinza e azul (1921)
Gemeentemuseum, Den Haag



Gerrit Rietveld
Cadeira Vermelha Azul
(1917-1923)
Gemeentemuseum, Den Haag

Figura 1: Mondrian e o Movimento de Stijl

Fonte: <<http://maisinfluyente.com.br/rio-de-janeiro-recebe-exposicao-mondrian-e-o-movimento-de-stijl/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

Portanto, pensar EaD é pensar no processo colaborativo de todos os atores envolvidos nesta modalidade de ensino. É pensar o design instrucional de forma contextualizada.

Conforme Filato e Piconez (2004), é

beneficiar-se das potencialidades da Internet para incorporar às situações reais de educação elementos como a aprendizagem informal, a aprendizagem autônoma e a aprendizagem cooperativa para atender às

demandas da sociedade por um novo paradigma educacional (FILATO; PICONEZ, 2004, p.1).

É abandonar o modelo fordista de conceber o ensino e transformá-lo em mais humanista, que pense em toda a ecologia humana, no ser humano em sua totalidade.

Pensar o curso com o foco no aluno faz do design instrucional um docente-mediador, aquele que também influencia no processo de autonomia do aluno, pois todo design instrucional deve ser inovador, criativo e cativante para quem dele fizer uso. Deve-se perceber, a partir do design, o espírito empreendedor de quem assumiu riscos, no processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de contribuir no desenvolvimento da autonomia do aluno.

4. CONCLUSÃO

Muito ainda se deve caminhar para o aprimoramento das competências do aluno na EaD, principalmente no que tange à sua autonomia, o foco principal deste estudo. Mesmo sabendo que a EaD requer também dos docentes novas posturas diante dessa nova modalidade de ensino, percebe-se em como ela tem influenciado práticas docentes em sala de aula presencial, ou seja, a forma como o professor passa a enxergar seu aluno: em toda a sua ecologia humana e singularidade, acarretando em uma nova *práxis* de ensino.

É a cultura digital influenciando comportamentos docentes. É a interatividade que entra em sala de aula presencial. Silva (2011), professor da UERJ, esclarece-nos, em vídeo, que é nesta interatividade que temos a articulação entre o emissor e o receptor (entre aluno e professor); é onde se efetiva o diálogo educacional, possibilitando a colaboração entre docente e discente.

Nesta interatividade educacional, a relação de ensino-aprendizagem se dá de forma horizontal, entre aluno e professor, onde ambos são coautores no ensino, melhorando, por conseguinte, sua qualidade.

Diante disso e das influências que a EaD vem proporcionando no trato do ensino-aprendizagem do aluno, o design instrucional tem um papel bastante significativo no desenvolvimento de cursos com foco no aluno, uma vez que devemos entender a criatividade como mola propulsora na motivação e no desenvolvimento autônomo do aluno e de sua interatividade.

Para tanto, faz-se necessário no design instrucional um visual gráfico que dinamize a inteligência do aluno por meio das interações que ele possa fazer, abrindo caminhos para que a essência atinja os sentidos do aprendiz.

É a arte de escolher formas e conteúdos com o objetivo de motivar alguém a aprender algo. E o design é, nesta relação de ensino-aprendizagem, “a maneira de se pensar estas coisas”. Em outras palavras, o conteúdo deve estar diluído na forma.

Pensar o curso com o foco no aluno faz do design instrucional um docente-mediador, uma vez que ele também influencia o processo de autonomia do aluno, pois todo bom design instrucional deve ser inovador, criativo e cativante.

Diversas estratégias devem ser formuladas, inclusive as baseadas na tecnologia do suporte, de forma a promover a interação entre os atores do curso. Os elementos gráficos representam os elos mais fortes da ponte, que potencializam a recepção e o desenvolvimento das habilidades e competências esperadas dos alunos.

Sendo assim, pensar em EaD e na importância do design instrucional é pensar em inovação, é pensar, principalmente, em interatividade na educação enquanto espaço de diálogo e cooperação. É começar a entender que todas as ferramentas e interfaces oferecidas pelas novas tecnologias abrem campo para a diversificação de formas de ensino-aprendizagem, tirando os alunos da passividade e aguçando não só o seu senso crítico como, também, os motivando para a autonomia.

Por fim, considerando o estudo apresentado, que não visa ensinar formas de construir visualmente uma sala de aula que dialogue com o material didático, mas, sim, de apresentar um novo caminho, um novo modo de olhar o design instrucional como meio a contribuir para a autonomia e maior interação do aluno.

Para tanto, sugere-se realização de trabalhos, principalmente estudos sobre a importância do design instrucional na EaD, em especial, a realização de pesquisas de campo, com educadores desta modalidade de ensino, que possibilitem o estudo *in loco* das competências, atribuições e o papel de todos os atores envolvidos (professores, tutores presenciais e a distância e etc) no desenvolvimento da autonomia, da participação e do senso crítico do aluno na EaD.

REFERÊNCIAS

- COSTA, R; MARINS, V. **Design didático em ambientes virtuais**. 2010. Disponível em: <http://pigead.lanteuff.org/pluginfile.php/39296/mod_resource/content/4/DesignDid%C3%A1tico.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2016.
- DELL'ORCO, S.; MALDONADO, M. **Criatividade, pesquisa e inovação: o caminho surpreendente da descoberta**. 2010. Disponível em: <<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/223/206>>. Acesso em: 01 out. 2018.
- FARBIARZ, A.; FARBIARZ, J. **Reflexão acerca do design de ambientes virtuais de aprendizagem**. Revista Tríades: transversalidades, design, linguagens. 2012. Disponível em: <<https://triades.emnuvens.com.br/triades/article/view/7/4>>. Acesso em: 01 out. 2018.
- FILATRO, A.; PICONEZ, S. C. B. **Design instrucional contextualizado**. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/pdf/049-TC-B2.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/abdulcassimoarune/antonio-carlos-gil-2002>>. Acesso em: 01 out. 2018.

- GROPIUS, W. Minha concepção da Ideia de Bauhaus. In: GROPIUS, W. **Bauhaus: novarquitectura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- KUENZER, A. **Formação de professores para a educação profissional e tecnológica: perspectivas históricas e desafios contemporâneos**. In: INEP. Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica: Brasília, 26, 27 e 28 SET. 2006. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.
- MILL, D; RIBEIRO, L. R; OLIVEIRA, M. Múltiplos enfoques sobre a polidocência na Educação a Distância virtual. In: MILL, D.; RIBEIRO, L. R.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Polidocência na Educação a Distância: múltiplos enfoques**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- RIBEIRO, R. M. da C.; CARVALHO, C. M. C. N. de. O Desenvolvimento da Autonomia no Processo de Aprendizagem em EAD. **Revista Aprendizagem em EAD**. Taguatinga: v. 1, out. 2012.
- ROBINSON, K. **Escolas matam a criatividade?** . TEDTalks 2006. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity?language=pt-br>. Acesso em: 01 out. 2018.
- SANTOS, A. **Autonomia do aluno de EAD** (vídeo). Publicado em 31/08/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8BgKmFhmHic>>. Acesso em: 01 out. 2018.
- SARAIVA, T. Educação a Distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 70, abr./jun. 1996.
- SILVA, M. **Interatividade na Educação** (vídeo). Publicado em 03 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ShRODbkFIJ0>>. Acesso em: 01 out. 2018.